

Novas abordagens pedagógicas: A inclusão escolar de alunos com deficiência

Maria Teresa Eglér Mantoan

Pedagoga – Faculdade de Educação – Depto. de Metodologia de Ensino – Lab. de Estudos e Pesquisas em Ensino e Reabilitação de Pessoas com Deficiência – UNICAMP

A inclusão de pessoas com deficiência nas escolas regulares é uma consequência natural da modernização e da reestruturação das condições atuais do ensino, especialmente nos seus níveis básicos. Trata-se, pois, de uma inovação educacional, proposta pelo ensino regular, que provoca as escolas e seus professores, no sentido de que atualizem suas práticas pedagógicas, para se adequarem às exigências de uma sociedade do conhecimento, que rejeita barreiras e preconceitos de toda ordem, dentro e fora das salas de aula. Nesse sentido, a inclusão não é de interesse apenas para os alunos com deficiência, mas para todos os demais estudantes e professores das escolas regulares.

A transformação das escolas para atender ao princípio democrático da educação para todos implica em torná-las capazes de oferecer ensino de qualidade a todos os alunos, atendendo às peculiaridades de cada um, mas sem cair nas teias da educação especial e nas suas modalidades de exclusão. De fato, a inclusão escolar não prescreve a segregação sob nenhum pretexto e defende a fusão do ensino especial ao regular. No contexto da inclusão escolar, os professores não se especializam em alguns alunos, ou seja, os que apresentam necessidades educativas especiais e o que se pretende é uma educação de qualidade para todos os alunos.

Para atingir esses objetivos, estamos desenvolvendo, desde 1991, projetos de formação continuada de professores, nas redes públicas de ensino fundamental, de educação infantil e de jovens e adultos.

A metodologia centra-se no exercício sistemático da reflexão e da cooperação entre professores, especialistas dentro das unidades escolares e com o apoio de centros de desenvolvimento do professor, que apóiam e subsidiam os professores e alunos das redes sem, contudo, se destinarem, exclusivamente, aos que ensinam alunos com deficiência, pois o que se busca é transfor-

mar as escolas para atender, com qualidade, a todos os alunos em suas necessidades, no processo de construção do conhecimento e no desenvolvimento de todos os demais aspectos de sua personalidade.

As escolas e professores com os quais estamos trabalhando já apresentam sintomas pelos quais podemos perceber que estão evoluindo dia a dia para uma educação de qualidade para todos. Esses sintomas podem ser resumidos como segue:

- reconhecimento e valorização da diversidade, como elemento enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem;
- professores conscientes do modo como atuam, para promover a aprendizagem de todos os alunos;
- cooperação entre os implicados no processo educativo – dentro e fora da escola;
- valorização do processo sobre o produto da aprendizagem;
- enfoques curriculares, metodológicos e estratégias pedagógicas que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.

É preciso, contudo, considerar que a avaliação dos efeitos de nossos projetos não se centram no aproveitamento de alguns alunos, os deficientes, nas classes regulares. Embora esses casos sejam objeto de nossa atenção, queremos acima de tudo saber se os professores evoluíram na sua maneira de fazer acontecer a aprendizagem nas suas salas de aula; se as escolas se transformaram, se as crianças estão sendo respeitadas nas suas possibilidades de avançar, autonomamente, na construção dos conhecimentos acadêmicos; se estes estão sendo construídos no coletivo escolar, em clima de solidariedade; se as relações entre as crianças, pais, professores e toda a comunidade escolar se estreitaram, nos laços da cooperação, do diálogo, fruto de um exercício diário de compartilhamento de seus deveres, problemas, sucessos.